

## **REPRESENTAÇÕES DE TRABALHO POR ALUNOS DE LICENCIATURAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti- UFPE  
Karina Laís Barbosa Dornelas- UFPE  
Rafaella Estevam da Silva- UFPE  
Severino Rafael da Silva- UFPE

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo compreender que representações de trabalho estão sendo construídas na IES (Instituições de Ensino Superior) em cursos de licenciatura, visando entender se essas representações podem influenciar a atuação desses profissionais na prática docente. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com base em um questionário aplicado à estudantes universitários dos cursos de Pedagogia, Matemática e Educação Física. A partir das análises das informações registradas pudemos perceber que a concepção de trabalho da maioria dos entrevistados encontra-se de acordo com a sociedade capitalista, onde este é visto como auto-alienação e forma de remuneração e não como um elemento para a humanização

**Palavras-chave:** Representação. Trabalho. Educação. Ensino superior.

### **1 INTRODUÇÃO**

A palavra “Trabalho” abrange significados que variam de acordo com cada época, em diferentes regiões e de uma maneira geral está relacionada com a ação do homem em busca de sobrevivência e realizações pessoais. Com isto o trabalho vem sendo percebido como algo que lembra dor, tortura, aflição para cumprir atividades e alcançar objetivos, além de estar relacionado à transformação da matéria natural em objeto de cultura para satisfação das necessidades humanas (ALBORNOZ, 1986).

O que diferencia o homem dos animais é sua força de trabalho. Essa diferenciação é possível porque ao contrário dos animais, o homem não desenvolve nenhuma atividade puramente mecânica, as atividades desenvolvidas por ele têm um objeto que é pensado a priori. No contexto da sociedade primitiva, a representação do trabalho estava associada à questão de sobrevivência, posto que o trabalho humano visava unicamente a transformação dos recursos oferecidos pela natureza em objetos materiais, essenciais ao cotidiano daquele momento.

Com o passar do tempo e do desenvolvimento social do homem primitivo, o trabalho foi assumindo a característica de atividades pré-estabelecidas e transformadoras do meio à medida que passou a ser necessário para estruturação política, econômica e social dos povos em sua vida cotidiana. Assim, o significado da palavra trabalho passou por inúmeras representações e conceitos, e cada grupo social, resguardando a sua cultura, deu ao trabalho um valor particular. Segundo Kruppa (1994, p.58 e 59),

As representações, as linguagens, as instituições, a educação (...), estão diretamente ligadas com a forma pelas quais os homens, no trabalho, relacionam-se para produzir o que necessitam e para se reproduzir enquanto seres dotados de história e de cultura.

Com isso, entendemos que o trabalho ocupa uma posição central na vida do homem e que o pensar e o executar são fatores que podem determinar o cotidiano do indivíduo, de forma que ele sinta-se ou não parte integrante do processo de construção do seu produto. Toda essa apreensão de conhecimentos para execução de atividades determinadas é construída a partir de uma educação formal, não formal e informal.

No que se refere à educação nos espaços formais, acreditamos que as instituições de ensino superior (IES) exercem grandes influências na maneira como os alunos/futuros trabalhadores se vêem no mundo do trabalho. A partir disso, escolhemos abordar a IES por esta ser considerada a instituição de maior prestígio social para educação em relação ao preparo dos indivíduos para o trabalho.

Alguns estudos sobre as instituições de ensino superior mostram o desenvolvimento da idéia de Universidade e a evolução dos seus fins e finalidades desde sua criação na Idade Média até situar-se como instituição de formação profissional (Universidade Napoleônica), aparecendo, mais tarde, como instância de emancipação do Homem, voltada para a crítica, a pesquisa e a produção do conhecimento (Universidade Alemã), idéia esta que vem sendo adotada pelas nossas IES no Brasil.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, a Educação Superior tem dentre as suas finalidades:

Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira; e colaborar na sua formação contínua (BRASIL, 1996)

Visto que as IES são instâncias de formação profissional situadas em organizações socioeconômicas visando atender as necessidades do mercado de trabalho, temos nesta pesquisa, o objetivo de saber, primeiramente, qual a representação de trabalho de estudantes de licenciaturas, bem como, entender como as instituições de ensino superior podem influenciar nas representações de trabalho desses graduandos. Partindo da concepção de trabalho dos estudantes, também temos como objetivo compreender se a concepção de trabalho que têm poderá influenciar sua prática docente.

O tema do presente artigo foi uma escolha que partiu do questionamento sobre a formação docente nas licenciaturas baseado em nossas experiências enquanto alunos no período da escolarização. Por compreendermos que neste período, matérias de diferentes áreas do conhecimento eram lecionadas por meio de diferentes didáticas, levantamos como problematização o porquê dessas diferenças e qual a relação dessas experiências de sala de aula com a formação profissional nas IES, possível influência nas concepções de trabalho.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 TRABALHO E EDUCAÇÃO**

A palavra trabalho tem construído inúmeras representações ao longo da história da humanidade, o que provocou diversos estudos acerca do tema. Em nossa revisão de literatura sobre o trabalho e relacionando-o também com a educação, localizamos: Albornoz (1986), Barbosa e Mangabeira (1990), Frederico (1947), Freire (1979), Gonçalves (2005), Lefebvre (1963), Marx (2001), Nunes (2005), Peliano (1998), Tibúrcio (1979), dentre outros.

A primeira representação de trabalho que se pode constatar é o trabalho como processo de interferência do homem na natureza, ou seja, o contato do homem com a natureza a partir do momento em que ele extrai da mesma os elementos essenciais a sua sobrevivência (ALBORNOZ, 1986).

Embora uma das mais conhecidas representações de trabalho esteja relacionada à idéia de tortura, suor no rosto, ou como alguns dizem “um mal necessário”, podemos encontrar representações de trabalho como o conjunto das discussões e deliberações de uma sociedade convocada para tratar de interesse público, coletivo ou particular.

Outros autores também contribuem para o presente estudo, como Barbosa e Mangabeira (1990). Estas autoras dizem que a produção de idéias de representações e da consciência está em primeiro lugar, direta e intimamente ligada à atividade material. Entendendo que essa ligação é condição necessária para que o ser humano relacione-se com o mundo, buscamos também em Freire (1979) compreender a relação do homem com o meio que o cerca. Para ele, nós estamos no mundo, e não apenas estamos no mundo, mas também *com* o mundo (FREIRE, 1979). Esse pensamento expressa bem uma das características que diferencia o homem dos demais animais: a sua capacidade de relacionar-se com o mundo, de refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade.

Desse modo, pode-se dizer que esse relacionamento do homem com o mundo é mediado pela atividade intelectual e material, que por sua vez, se faz em permanente movimento. É, pois, através do *trabalho* que o homem depreende-se da natureza e sobre ela passa a exercer uma ação transformadora. Celso Frederico (1947) diz que o homem, de ser sensível passivo e sofredor passa a ser visto como o ser automediador da natureza. Assim, as relações dos homens com a natureza são vistas por intermédio da mediação da atividade material.

É possível complementar essa idéia dizendo que essa relação homem-natureza, ou melhor, que o significado humano da natureza só existe para o homem social e este homem social se faz através do trabalho. Para Marx (2001), em “Manuscritos econômico-filosóficos”, a sociedade constitui a união perfeita do homem com a natureza. Ainda sobre a importância da relação homem-natureza e sobre o trabalho como ação transformadora Henri Lefebvre (1963, p.74) diz que:

As relações fundamentais para qualquer sociedade são as relações com a natureza. Para o homem, a relação com a natureza é básica não porque o homem continua um ser da natureza (interpretação falaciosa do materialismo histórico), mas, ao contrário, porque luta contra ela. No decurso desta luta, em condições naturais, o homem arranca à natureza tudo o que precisa para subsistir e para ultrapassar a vida simplesmente natural. Como? Por que meios? *Pelo trabalho, através dos instrumentos de trabalho e da organização do trabalho.* Assim, e somente assim, os homens produzem a sua vida, isto é, superam a vida animal (natural).

A partir disso, percebemos que o trabalho, enquanto relações de produção fundamentais de qualquer sociedade humana leva-nos a refletir sobre o papel da educação no processo de organização do trabalho, pois “a escola era e tem sido fundamentalmente encarada como um meio de socialização dos jovens que mais tarde entrarão no mercado de trabalho.” (TIBÚRCIO, 1979, p.181). Dando continuidade a

essa opinião, o autor, num estudo sobre o trabalho e a educação numa sociedade capitalista, traz as seguintes contribuições:

[...] a expansão da educação pode ser justificada em dois tipos de fatores: *a)* O desejo das famílias de atingirem certos graus de mobilidade social através da educação; *b)* A necessidade de uma instituição de socialização que prepare pessoas para satisfazer a procura social e de capacidades requeridas pela sociedade industrial.

Fica claro, dessa forma, a forte ligação que a educação tem com o trabalho; e como ela tem sido encarada pela sociedade. Segundo Gonçalves (2005), “o trabalho constitui um horizonte para qualquer pessoa, é uma referência cotidiana obrigatória, mesmo que não se tenha acesso a ele. Portanto, a educação deveria ter uma referência natural no trabalho”.

Sabemos que esta relação “trabalho e educação” deve ser ainda mais forte em nossa sociedade, pois diante da forte demanda por trabalho, o profissional tem que mostrar competências e habilidades que o diferencie dos demais e que atenda as necessidades do mercado de trabalho, e para isso existir precisa ter como base uma boa formação.

De acordo com a LDB 9394/96, no que se refere aos princípios e fins da educação nacional, a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E como afirma Peliano (1998) o que se pretende:

É a aproximação a um paradigma de educação que dê formação ao cidadão tornando-o ‘capaz de conceber e construir sua emancipação político-econômica’. Na escola, ele conhecerá e vivenciará o espaço e o tempo necessários à concepção e à construção de sua cidadania, aprendendo e apreendendo ‘conteúdos e conhecimentos’, como também vivenciando ‘valores e sentimentos’. Na sociedade, ele porá em ação a sua consciência crítica, sua reflexão relacional, sua criatividade despertada, sua conduta libertária, ampliando seu espaço de entendimento e renovando seu tempo de ação.

Entendemos que, a educação é responsável, dentre outros, pela produção do conhecimento, pela economia de um país, pela produção de riquezas, pela geração de empregos e pela qualidade de vida das pessoas. No entanto a educação não se restringe apenas a formar profissionais para o mercado de trabalho, pois, concordando com Nunes (2005), ao pensar dessa forma estaríamos cultivando uma sociedade em que os valores humanos são ignorados.

Comungamos dessa ideia por acreditarmos que o papel da educação vai muito além de formar para atender as necessidades do trabalho. A escola compete formar

cidadãos críticos e conscientes da sua ação na transformação da sociedade, para dessa forma terem a possibilidade de escolherem que caminho seguir.

## 2.2 TRABALHO E FORMAÇÃO DOCENTE

Na sociedade contemporânea a educação escolar vem cada vez mais se constituindo em mais um elemento importantíssimo para que se possa atender as demandas oriundas desse modelo societal no qual estamos inseridos, visto que temos nossas ações voltadas e/ou orientadas pela organização do mundo do trabalho. Assim, formar professores para atuar na Educação Básica implica uma grande responsabilidade para com a sociedade, já que os professores que desempenham suas atividades nesse nível de formação influenciam diretamente o modelo de cidadão que se deseja constituir.

O trabalho enquanto expressão da existência humana, dado que é através de sua produção que o homem se constitui como tal, está intimamente atrelado à educação. Nesse sentido, Demerval Saviani (In: FERRETI, 1996, p.165) afirma que:

O trabalho foi, e continuará sendo o princípio educativo do sistema de ensino em seu conjunto. Determinou o seu surgimento sobre a base da escola primária, o seu desenvolvimento e diversificação e tende a determinar, no contexto das tecnologias avançadas a sua unificação.

Sabemos que a partir do trabalho os indivíduos estabelecem relações bastantes significativas com seus pares e por intermédio dessa forma de socialização, os mesmos trocam saberes acumulados ao longo dos tempos e trocam conhecimentos e experiências, assim se dá o processo de ensino e aprendizagem. Porém as relações de trabalho e mais precisamente os meios de produção é que caracterizam o modelo social e econômico no qual estes sujeitos estão inseridos. Nesse sentido o trabalho caracteriza-se como um princípio orientador dessas relações e repercute na vida de quem está envolvido nesse processo seja direta ou indiretamente.

Assim a formação docente oferecida pelas instituições de ensino superior, deve considerar os aspectos supracitados possibilitando ao docente em formação conscientizar-se de que o trabalho a ser desenvolvido por ele se dá e/ou se dará dentro de um contexto que geralmente é determinado pelo modelo econômico, dando-o a possibilidade de fomentar ou não o discurso hegemônico e ainda compreender que na maioria das vezes as relações de trabalho, criadas pela organização do trabalho, expressam-se em relações arbitrariamente hierarquizadas (SOUZA, 1996). No entanto, isso só será possível se essa formação atender aos domínios necessários ao trabalho

docente, pois de acordo com Marques (2000, p. 172),

Não se pode pensar um educador que não seja competente no domínio técnico - científico de sua área de atuação docente, um professor que não entenda do que ensina. E não se pode justificar a formação de um profissional de nível universitário que não saiba lidar com pessoas e grupos, que não consiga construir com os sujeitos interessados os conhecimentos e as capacidades que lhes concernem e competem. Quem ensina carece conhecer a fundo o que ensina; quem se empenha nas atividades práticas de uma profissão carece ser um educador dos com que trabalha ou a serviço de quem se coloca, não para a execução de tarefas de rotina, mas para a construção de um mesmo projeto científica e consensualmente fundamentado.

No caso da formação dos futuros professores para atuarem nas séries iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil, esta é realizada nos cursos de Pedagogia. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia definem que durante a graduação os estudantes devem tratar de um conjunto de saberes a serem discutidos nas diversas disciplinas (MOROSINI, 2001), dentre os quais se destacam: as teorias acerca de como socializar os conhecimentos adquiridos; metodologias para ministrarem suas aulas; formas de avaliação e didáticas adequadas. São realizadas, ainda, discussões sobre posturas éticas, práxis profissional, respeito ao desenvolvimento do indivíduo e suas particularidades, entre outros aspectos.

No que se refere aos estudantes das licenciaturas diversas pode-se inferir que a formação é voltada para a área específica de atuação, o que conseqüentemente não favorece ao desenvolvimento pleno desse profissional que não está sendo preparado como deveria, ou seja, a formação do docente além de conhecimento específico requer a compreensão do outro (aluno) em sua totalidade e assim faz-se necessário também o estudo dos aspectos supracitados.

Os professores universitários que são os responsáveis pela formação dos futuros educadores da modalidade educacional supracitada, assumirão práticas e posturas docentes particulares, que poderão ou não ser coerentes com os preceitos e teorias abordadas e/ou defendidas em sala de aula, assim como com suas representações sobre o significado do trabalho que ele desenvolverá, o que pode diretamente estar influenciando o educador em formação. Nesse sentido, a formação desses futuros educadores e de suas concepções sobre o ser professor e conseqüentemente sobre trabalho docente, se dará na medição entre os que estudam nas diversas disciplinas e as práticas docentes que vivenciam como estudantes na universidade cotidianamente, o que poderá repercutir na formação de seus educandos na escola, a qual deve estar voltada para a educação cidadã.

Concebendo o trabalho como forma humana de produzir-se a si mesmo, caberá a esse profissional em formação ir de encontro às imposições hegemônicas e lutar por algum tipo de transformação social, o que poderá refletir-se em sua prática cotidiana em sala de aula, garantindo assim aos educandos ao menos um dos princípios e fins da educação que é a preparação para o exercício da cidadania (LDB 9394/96)

### **3 METODOLOGIA**

A referente pesquisa é de natureza qualitativa, pois não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

A pesquisa procura realizar no período do mês de maio, fase destinada à obtenção dos dados visados por este estudo, o trabalho de campo na Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Recife-PE.

Os recursos humanos consiste em 5 estudantes de cada curso, sendo 3 cursos escolhidos, um de cada área, a saber: Humanas, Exatas e Saúde. Dentre as três áreas do conhecimento, decidimos selecionar cursos voltados para as disciplinas do Ensino Fundamental, para isso realizamos um sorteio. Na área de humanas foi sorteado o curso de Pedagogia, na área de exatas o curso de Matemática e na área de saúde o sorteio definiu o curso de Educação Física. Optamos pelos graduandos dos últimos períodos de cada curso, pois temos a possibilidade de entender com mais clareza que concepção de trabalho o estudante construiu ao longo do seu processo de formação. Desta forma, temos um total de 15 participantes.

Utilizamos para a coleta de dados um questionário impresso com caracterização e perguntas objetivas sobre o tema possibilitando uma maior liberdade nas respostas em razão do anonimato, como também menos riscos de distorções pela não influência do pesquisador.

No que se refere ao método do tratamento de dados, este serão analisados segundo a orientação de Bardin (1997) que se trata de uma técnica de interpretação do que foi expresso. Esta técnica divide-se em três momentos. Primeiramente, consiste em uma leitura flutuante do material visando apreender as impressões iniciais dos sujeitos para agruparmos conjunto de elementos utilizando como critério as similaridades. Em



segundo lugar os dados serão categorizados. Segundo Bardin (1997, p.117), “As categorias são rubricas ou classes as quais reúnem um grupo de elementos sob o título genérico, agrupamento esse efetivado em razão dos caracteres comuns destes elementos”. Em terceiro, partiremos para o tratamento estatístico dos dados condensando e distinguindo as informações analisadas por meio de tabelas.

Neste artigo os estudantes de licenciatura serão identificados pela letra P seguida do número de ordem do protocolo do questionário, mais a letra inicial referente ao seu curso: Matemática (M), Pedagogia (P) e Educação Física (EF).

## **4 RESULTADOS**

A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (1997), ao agruparmos as respostas obtidas com os questionários utilizando como critério as similaridades, identificamos por meio da pergunta “*Para você o que é trabalho?*” três categorias referentes a essa concepção: “Forma de sobrevivência/ Remuneração”, “Expressão da existência humana” e “Satisfação pessoal/ Remuneração”. Após as categorias, sistematizamos através de tabela, para uma maior organização dos dados, as respostas afirmativas e negativas dos estudantes às perguntas resultantes da primeira, a saber: “*Você acha que a sua formação enquanto estudante de licenciatura influenciou de alguma maneira na sua concepção sobre o trabalho? Por quê?*” e “*A concepção que você tem sobre o trabalho pode refletir na sua prática como educador (a)? Justifique sua resposta*”.

### **4.1 CATEGORIAS A RESPEITO DA 1ª PERGUNTA: PARA VOCÊ O QUE É TRABALHO?**

#### **4.1.1 Forma de sobrevivência/ Remuneração**

Esta categoria, composta por 10 participantes, congregou respostas que faziam referência ao trabalho como serviço prestado, forma de sobrevivência e remuneração. A seguir alguns exemplos:

Forma de ser remunerado por um serviço prestado. **P2M**

Um ato que por questões de cultura, torna-se obrigatório em nossa sociedade. Levando-se em conta o mundo capitalista em que vivemos, o trabalho é um mal necessário. **P7EF**

#### 4.1.2 Expressão da existência humana

A categoria “Expressão da existência humana” comportou em suas 3 respostas argumentos voltados à cidadania, exercício prazeroso e satisfação do ser humano enquanto sujeito social. Exemplos:

Trabalho é uma das formas existentes para exercer o direito da cidadania. É em algumas ocasiões, o exercício de algo prazeroso na vida humana. **P1M**

Trabalho é uma atividade que podemos desenvolver para vários fins, sendo o mais importante deles a emancipação do sujeito. **P13Pe**

#### 4.1.3 Satisfação pessoal/ Remuneração

Já na categoria “Satisfação pessoal/ Remuneração” houve 2 participantes que acreditam que o trabalho é uma forma de satisfação pessoal, como também uma prestação de serviço em troca de remuneração.

Trabalho, além de uma satisfação pessoal, é uma maneira de sustentabilidade financeira e papel social. **P10EF**

Trabalho é uma forma de sobreviver e tentar realizar suas potencialidades. **P3M**

Como uma forma de sintetizar as informações obtidas nos questionamentos realizados a partir da concepção de trabalho dos participantes, partimos para um tratamento estatístico dos dados visando organizar as respostas analisadas sobre o posicionamento dos participantes e sistematizamos os dados na tabela abaixo:

CONCEPÇÕES DE TRABALHO	PARTICIPANTES
Forma de sobrevivência/ Remuneração	10
Expressão da existência humana	3

Satisfação pessoal / Remuneração	2
----------------------------------	---

#### 4.2 POSICIONAMENTO DOS PARTICIPANTES A RESPEITO DA INFLUENCIA OU NÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR EM SUAS CONCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO

A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO, ENQUANTO ESTUDANTE DE LICENCIATURA, NA CONCEPÇÃO DE TRABALHO	PARTICIPANTES
SIM	13
NÃO	2

Dos quinze estudantes que fizeram parte da pesquisa, 13 afirmaram que a instituição de ensino superior influenciou de algum modo na concepção que têm sobre a palavra trabalho justificando, por exemplo, que a IES fundamenta os alunos de maneira técnica e ética para o mundo do trabalho, orientando desse modo sua concepção sobre o trabalho:

Sim, pois mostrou as formas e condições de trabalho. **P2M**

Sim. Passei a ter uma visão mais crítica sobre o conceito de trabalho e de sua função para cada indivíduo. Hoje posso ver o quanto o trabalho ou pode libertar o ser humano como também aliená-lo. **P11Pe**

No entanto, 2 estudantes revelaram que não houve mudança de concepção sobre o que é trabalho ao entrarem na instituição de ensino superior, como mostra o exemplo a seguir:

Não. Pois por convenção a minha concepção tornou-se a que é. **P7EF**

#### 4.3 POSICIONAMENTO DOS PARTICIPANTES A RESPEITO DE SUA CONCEPÇÃO SOBRE TRABALHO REFLETIDA OU NÃO EM SUA PRÁTICA DOCENTE

A INFLUÊNCIA DA CONCEPÇÃO DE TRABALHO NA PRÁTICA DOCENTE	PARTICIPANTES
SIM	14
NÃO	1

A idéia que os participantes têm sobre o trabalho é considerada por 14 deles como uma concepção que pode ser refletida em suas práticas como educadores, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Sim. Ser educador está longe de se tornar uma “atividade” fácil. É preciso que tenhamos uma concepção relevante de nosso trabalho para que possamos construir gradativamente o conhecimento junto aos nossos alunos, afinal lidamos com pessoas. **P1M**

Não. Porque enquanto educador, mesmo não gostando muito de trabalhar, abraçarei a causa e repassarei aos meus alunos ideais contrários aos meus. **P7EF**

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Podemos observar a partir da categoria “Forma de sobrevivência/ Remuneração” que a maioria dos estudantes ao serem questionados sobre o que é trabalho revelou respostas voltadas as relações de emprego e em sua maioria para as questões financeiras, sem maiores reflexões desta atividade no âmbito social, demonstrando não conceber o trabalho como algo mais amplo, como expressão da existência humana ou algo inerente aos indivíduos, ou ainda, como propõe Frederico (1947) como uma mediação entre homem e natureza.

Nas respostas fica explícito que o trabalho está muito ligado a profissionalização e forma de ganhar dinheiro, o que possibilita inferir que isso decorre da formação ao qual

estes sujeitos estão submetidos uma vez que o trabalho não necessariamente pressupõe a formação profissional, apesar dessa estar voltada para as relações de emprego.

No entanto, apenas 3 participantes revelaram uma concepção mais humana e voltada a responsabilidade social. Concepções assim estão de acordo com o que afirma Antunes (2005, p. 123) onde o trabalho é “[...] um momento fundante de realização do ser social, condição para a sua existência: é o ponto de partida para a humanização do se social e o ‘motor decisivo do processo de humanização do homem’”.

Um fato interessante que nos fez criar a terceira categoria, “Satisfação pessoal/ Remuneração”, é que 2 dos entrevistados além de vêem o trabalho como uma forma de ganhar dinheiro para a sobrevivência, acreditam na satisfação pessoal proporcionada por ele decorrente do papel social que o trabalhador exerce. Esse fato é discutido por Albornoz (2000) e Antunes (2005), quando enfatizam a existência dessa contradição ao definir o que é trabalho, onde ora é visto como algo transformador, necessário e ora como algo negativo, penoso.

A partir dos resultados podemos ver que a maioria dos estudantes afirma que a sua formação enquanto universitário teve grande influência na sua concepção sobre o trabalho. Percebemos que isto acontece porque na Universidade os alunos são preparados com o fim de atenderem a demanda do mercado de trabalho, e para isso é desenvolvido um trabalho em cima de uma ideologia, que poderá influenciar ou não na concepção construída até então pelos alunos. Neste caso a influência foi bastante significativa para maioria, e isto acontece também, pois como podemos ver na fala de alguns participantes, é na graduação que muitos destes alunos entram em contato com o mundo do trabalho.

Sabendo que grande parte dos entrevistados vê o trabalho como uma forma de sobrevivência e como foi explicitado por um dos entrevistados como, “um mal necessário”, sabendo também que a formação acadêmica teve grande influência na construção desta concepção, podemos entender os resultados de duas formas: ou as IES estão priorizando o trabalho como uma forma para ganhar dinheiro em detrimento da satisfação pessoal e do papel social do mesmo, enfatizando o que vem sendo refletido nas respostas dos entrevistados; ou essa influência que os alunos dizem ter por parte das IES ocorre pela vivência de sua formação que desperta a necessidade da experiência com o mercado de trabalho. Porém, em todos os entrevistados, percebemos que o trabalho ocupa posição central na vida das pessoas e como afirma Antunes (2005) “o mundo do trabalho tem sido vital”, o que reflete nas demais atividades humanas.

Como nossos entrevistados são estudantes de licenciaturas, futuros professores e contribuirão para a formação de pessoas, resolvemos saber deles se esta concepção que têm sobre o trabalho pode repercutir de alguma forma na sua prática docente. Dos 15 entrevistados apenas 1 respondeu que acredita que sua concepção não influenciará em sua prática, afirmando que, enquanto educador, mesmo não gostando muito de trabalhar, abraçará a causa e repassará aos alunos ideais contrários aos seus (**P7EF**). No entanto, a maioria afirma que a sua concepção refletirá sim na sua prática docente.

Podemos depreender desses discursos que há uma consciência de que o professor deve valorizar a importância social de seu trabalho, visto que suas concepções enquanto educadores estarão refletidas em sua prática. Ao buscarem superar a função mecânica e alienada imposta ao trabalho docente como mera transmissão de conhecimentos, o professor possibilitará uma formação humana e compromissada com valores críticos e construtivos para o meio em que estão inseridos, demonstrando que a partir do trabalho há possibilidade de mobilização e transformação social. Conforme a LDB/96, o trabalho considerado como forma humana de produção dos sujeitos em si mesmos permitirá a construção de posições críticas em relação às imposições hegemônicas para as práticas cotidianas de modo a garantir, neste caso aos educandos, os princípios e fins da educação que estão voltados à preparação para o exercício da cidadania.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi exposto percebemos que o trabalho, para a maioria dos participantes, encontra-se de acordo com uma sociedade capitalista, onde este não é visto como o ponto de partida para a humanização do ser social, pelo contrário, é uma auto-alienação, conforme Albornoz (1986), onde o trabalhador vende seu tempo, sua energia, sua capacidade a outrem – no caso do professor, é a chamada hora aula -, é um trabalho em que renda, status e poder substituem a preocupação e o cuidado de fazer bem o que se sabe fazer.

Diante disso, acreditamos ser importante que esses jovens, assim como os demais que se encontram numa IES, compreendam o significado do trabalho na sociedade em que vivem. É preciso que eles reflitam sobre o seu papel enquanto educadores (futuros), sobre o seu trabalho, para que por sua vez atuem de maneira a contribuir para a sua humanização enquanto ser social como também para a humanização de seus educandos (futuros), e não sejam “mercadores da educação”.

Acreditamos que nessa “tarefa” de reflexão, as IES desempenham um papel muito importante como uma instituição educadora, como um espaço de saber, onde os alunos poderão crescer enquanto sujeitos pensantes e reflexivos. Para isso, cremos que essas instituições devem rever o currículo de seus cursos , assim como os professores devem repensar sua prática, no sentido de valorizar as discussões e debates em torno do trabalho no mundo em que vivemos, visto que a concepção que o profissional educacional tem sobre o trabalho pode se refletir no seu fazer docente, conforme foi apresentado nos dados desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_, Suzana. **O que é trabalho**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **O Caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

BARBOSA, Leila M. A.; MAGABEIRA, Wilma C. **A Incrível História dos homens e suas relações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. [s.l.] Edições 70, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasil: MEC/SEF, 1996

FREDERICO, Celso. **O Jovem Marx: (1843-44: as origens da ontologia do ser social)**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 58, abril 1995.

GONÇALVEZ, Bárbara R. **Educação e Trabalho – Programa “Escolas de Fábricas”**. Acesso em 11 de março de 2009. Disponível em:  
<http://www.ricesu.com.br/ciqead2005/trabalhos/16.pdf>

KRUPPA, Sônia M. Portela. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Editora Cortez, 1994. Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor. (p.58-68).

LEFEBVRE, Henri. **O Marxismo**. 4 Ed. São Paulo: Editora DIFEL, 1974.

MARQUES, Mario Osório. **A formação do profissional da educação**. 3 Ed. Ijuí, RS. UNIJUÍ, 2000.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Editora M. Claret, 2001.

MOROSINI, Marília Costa. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. INEP. **Educação superior em periódicos nacionais (1968 - 1995)**. Brasília: INEP/COMPED, 2001, p. 194 (Série Estado do Conhecimento; n.3)

NUNES, Daltro José. **A função social das Instituições de Ensino Superior**. Acesso em 27 de abril de 2009. Disponível em:  
<http://mecsrv04.mec.gov.br/reforma/Documentos/ARTIGOS/2005.2.17.14.24.42.pdf>

PELIANO, José Carlos Pereira. **A importância da educação para o novo modo de produção do conhecimento**. Acesso em 11 de março de 2009. Disponível em:  
<http://www.pt.org.br/assessor/mecunb.htm>

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: Ferretti, Celso J. (orgs). *Novas tecnologias, trabalho educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis. Vozes, 1996.

SOUZA, Aparecida Neide. **Sou professor, sim senhor!** Campinas, SP. : Editora Papirus, 1996.

TIBÚRCIO, Luís. **Educação e trabalho capitalista: perspectiva histórica e ideias dominantes**. Acesso em: 19 de março de 2009. Disponível em:  
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223989790Q1eMW6uz3Hw97HS5.pdf>.